

TERCEIRO ATO

Diante das dificuldades do atual contexto econômico e das tensões na esfera política, a realização da 3ª edição da MITsp foi um trabalho ao mesmo tempo hercúleo e sisifista. As oscilações no câmbio e a forte elevação do euro e do dólar, a demora nas respostas de patrocínio, o recuo de apoios financeiros importantes tornaram o período de preparação da mostra se não um pesadelo do qual nunca conseguíamos despertar, ao menos uma prova de resistência física e mental de alta intensidade. E apesar de haver ocorrido momentos nos quais a saída mais razoável parecia ser o cancelamento da mostra, conseguimos, finalmente, trazê-la a público pela terceira vez.

Nesse sentido, a continuidade do apoio de parceiros que acreditaram na MITsp desde o seu início, quando o festival era ainda apenas um vago projeto no papel, foi fundamental. Graças à confiança, ao diálogo e ao suporte do Banco Itaú, do Sesc São Paulo, das Secretarias Municipal e Estadual de Cultura, da Funarte e, nessa edição, do Goethe-Institut, do Instituto Francês, do WBI, do Teatro Nacional da Bélgica, Adam Mickiewicz Institute – Polska-Brasil e da Prefeitura de Varsóvia pudemos realizar essa nova edição da mostra.

Se descontarmos as sequelas que a conjuntura econômica impingiu ao desenho da programação e à estrutura de produção como um todo, chegamos, em nossa avaliação, a uma mostra compacta e consistente. Os eixos curatoriais, ainda que se apresentem mais como pistas do que como vias pavimentadas, continuam a nortear os horizontes cênicos a serem partilhados com o público.

Primeiramente, a discussão sobre o lugar da narração na cena contemporânea. Para além das leituras redutoras do pós-dramático e do teatro performativo, a mostra traz encenadores de ponta que continuam a lançar mão da História e das histórias para a construção de seus trabalhos. Nesse sentido, não é à toa que o artista em destaque dessa edição seja Joël Pommerat. A presença do texto e da narrativa se aliam a uma encenação estranhada na obra deste que é um dos autores e diretores mais importantes da cena contemporânea francesa. Além dele, Krzysztof Warlikowski, um dos principais diretores poloneses atuais, e Felipe Hirsch – que estreia seu novo trabalho na MITsp – lançam mão de fragmentos de narrativas para comporem o texto dramaturgico de suas criações.

Também importante é a discussão sobre o racismo e a representação do negro nas artes, presente nos espetáculos africanos de Faustin Linyekula e Neo Muyanga e na estreia do grupo brasileiro Teatro de Narradores. Entre os estereótipos – que reforçam a exclusão – e

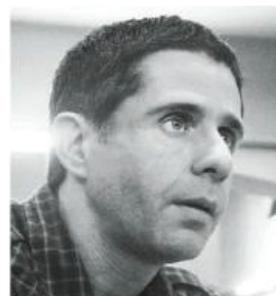
DE RESISTÊNCIA

a ausência daquilo que deveria ser dito, mas é sempre omitido, a cena coloca-se como um local possível de manifesto poético e de testemunho político. Canções de protesto, corpos em revolta e arquiteturas fraturadas nos fazem perceber, para além de ressentimentos catárticos, o nosso imbricamento e a nossa responsabilidade por um passado (colonial) que nunca deixou de estar presente. Pois, como nos alerta outra canção, desta feita, brasileira, "todo camburão tem um pouco de navio negreiro".

Além disso, a relação entre as diferentes artes e o teatro – perspectiva presente desde a primeira edição – se materializa aqui na relação entre a música e as artes cênicas, presente nas performances-show belga (Josse De Pauw) e sul-africana (Neo Muyanga), e dessas com as artes visuais, no espetáculo grego de Dimitris Papaioannou. Formas híbridas surgem dessa inusitada reunião de teatro, concerto musical, conferência e atuação performática, alargando as fronteiras da cena.

Por fim, uma mostra nascida em São Paulo coloca a própria cidade em cena por meio de uma parcela de seus habitantes. No trabalho do coletivo alemão Rimini Protokoll, cem cidadãos são convidados a transformar o Teatro Municipal, edifício icônico das artes cênicas locais, em ágora temporária para expor suas opiniões sobre a cidade e também suas visões de mundo. Esperamos que essa peça-documento – como também *Cidade Vodú* –, além de espelho e reflexão, possa nos sensibilizar para aquilo que ainda não vemos – ou que insistimos em não ver.

Aliás, isso é o que esperamos da mostra como um todo. Não apenas do conjunto de espetáculos, mas de todas as atividades reflexivas e pedagógicas que norteiam a programação. O espetacular, para não ser domesticador, não pode abrir mão de sua dimensão crítica e de sua potência formativa e desestabilizadora do já-conhecido. Arte, pensamento e conhecimento são uma tríade que pode se aliar à recusa da naturalização do preconceito e ao inconformismo com discursos hegemônicos rumo a um país menos conservador e excludente. É na contramão desses tempos sombrios que a 3ª MITsp vem à cena, menos como mostra, talvez, mas como uma ação de resistência. Que as garrafas atiradas ao mar cheguem a seus destinos!



ANTÔNIO ARAÚJO
IDEALIZADOR E DIRETOR ARTÍSTICO

GUILHERME MARQUES
IDEALIZADOR E DIRETOR-GERAL DE PRODUÇÃO